

## SEGREGAÇÃO SOCIOECONÔMICA: UM ESTUDO DE CASO EM DUAS ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NO MUNICÍPIO DE NATAL/RN

Denise Santos Saldanha<sup>1</sup>  
Deise Santos Saldanha<sup>2</sup>  
Bruna Cordeiro Saldanha<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caso em duas escolas do ensino fundamental II acerca das desigualdades sociais evidenciadas na pandemia do Covid-19, na qual trouxe mudanças no cenário mundial em todos os âmbitos possíveis, principalmente na área da educação. Busca entender sobre as implicações do ensino remoto e a atual situação das escolas com a volta as aulas. Com isso, parte do objetivo de analisar a infraestrutura e os fatores socioeconômicos desses ambientes e dos alunos. O desenvolvimento se deu a partir do método quantitativo (análise estatística) e qualitativo (análise de conteúdo), sendo dividida em três etapas: 1) levantamento bibliográfico; 2) aplicação dos questionários; e 3) tabulação dos dados. Como resultado, foi possível identificar as mudanças ocorridas nesse período pandêmico e as dificuldades obtidas pelos alunos tanto em relação as aulas como ao acesso a instituição. Portanto, a pesquisa se justifica por ser uma temática extremamente necessária, enfatizando que o meio técnico-científico-informacional foi essencial nesse período, contudo, constatou ainda mais os problemas socioeconômicos que as escolas do Brasil vêm passando, deixando mais evidente as desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** Escolas, COVID-19, Segregação Socioeconômico.

### INTRODUÇÃO

A pandemia do COVID-19 trouxe mudanças no cenário mundial em todos os âmbitos possíveis, principalmente na área da educação. As relações sociais ganharam novos contornos, transformando as condutas, as formas de aprendizagem e as interações entre pessoas, refletindo nas estratégias de ensino. Assim, surgiu a Pedagogia da Pandemia, onde um atual modelo de educação se estabilizou por consequência do

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, denisesaldanha.lama@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, deiseesaldanha@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, brunasaldanha1@hotmail.com

contexto pandêmico que assolou o mundo no início de 2020 (BARRETO e ROCHA, 2020).

Dessa maneira, estratégias emergenciais foram traçadas para que crianças e adolescentes não se prejudicassem no setor educacional. A Educação à Distância (EAD), por sua vez, foi a saída mais coerente no processo educativo durante o tempo de quarentena, essencialmente por proporcionar, por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), a continuidade de ensino enquanto as aulas presenciais permanecem suspensas (SILVA et al., 2020).

No entanto, Silva et al. (2020), ressalta um ponto importante: os recursos do EAD se caracterizam como polêmicos, uma vez que é defendido especialmente por segmentos que tem interesses mercadológicos e, segundo o autor, essa estratégia se transformaria em um ensino de baixa qualidade para as camadas mais humildes da sociedade, mostrando a preocupação com o alcance de todos os alunos nesse novo modelo de ensino.

Com isso, nota-se que a implementação de práticas de ensino focadas no uso de recursos tecnológicos é mais excludente do que inclusiva, visto que o Brasil ainda é um país extremamente desigual socialmente e economicamente (SILVA et al., 2020).

Cardoso et al. (2020), diz que a Educação à Distância agora se tornou uma forma de garantir a educação dos estudantes resguardando a saúde da população, porém, por outro lado, esse ensino virtual segrega uma parcela de alunos com pouco poder aquisitivo. Alunos, sobretudo do ensino público, não possuem acesso à internet, ou não possuem computadores em casa.

O ambiente escolar, para esses estudantes, era o local onde conseguiam aproximação com as bibliotecas e os laboratórios de informática. Em contrapartida, para aqueles que sempre possuíram internet, o reflexo da pandemia na economia pode fazer com que não tenham mais as mesmas regalias de antes, podendo afetar o contato direto com o mundo virtual devido a dificuldades financeiras (BOTO, 2020).

Cardoso et al. (2020), mostra que, no Brasil, o percentual de alunos da rede pública de ensino que não possuem acesso à computador em casa é de 39%, enquanto na rede privada de ensino esse percentual é de 9%. Assim, é perceptível o abismo que existe entre os alunos de escola pública e os alunos de escola privada. O ensino remoto traz benefícios apenas aos estudantes que têm uma condição financeira relativamente estável, proporcionando uma rotina agradável e um estímulo a mais para a continuidade

do processo de aprendizagem, enquanto outros não obtêm os meios necessários para conseguir acesso aos conteúdos online.

Somando todos esses fatores, ainda existe o desânimo dos alunos no ensino à distância que tem sido um grande desafio. Por mais que o ensino remoto venha criando popularidade no nível superior, é consideravelmente diferente do ensino na educação básica, em que manter a atenção dos discentes nas aulas presenciais já era considerado difícil, no ensino remoto as coisas se intensificaram gradativamente mais pelas mudanças emocionais decorrentes do isolamento social e pelo aumento de elementos de distração ao alcance do aluno (CARDOSO et al., 2020).

Portanto, o Ensino à Distância, por mais que não tenha a mesma capacidade de aprendizagem presencial, pode diminuir os prejuízos causados pela suspensão das aulas. Entretanto, ainda é um fato que a perda de desempenho será maior entre discentes que estudam em escolas públicas, pois além da deficiência de acesso às tecnologias, os impactos emocionais da crise causada pela pandemia são mais visíveis nessa camada, bem como a falta de um ambiente silencioso (CARDOSO et al., 2020).

Assim, a presente discursão, procura relatar um estudo de caso em duas escolas do município de Natal/RN, com o objetivo de analisar a infraestrutura e os fatores socioeconômicos desses ambientes e dos alunos, tendo como referência o atual cenário que o mundo está passando, a COVID-19 como um fator a mais para evidenciar a segregação socioeconômicas nas escolas.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa em questão se deu a partir do método quantitativo (análise estatística) e qualitativo (análise de conteúdo), na qual foi possível analisar a infraestrutura das escolas nesse período de volta as aulas diante da Covid-19.

Pesquisas quantitativas são utilizadas para responder questionamentos que passam por conhecer o grau e a abrangência de determinados traços em uma população, pode-se dizer que tem a preocupação em relacionar dados estatísticos, apontando indicativos que represente de maneira mais precisa a realidade (PEREIRA et al., 2016).

Conforme Minayo e Sanches (1993), e pesquisa qualitativa é utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação, ou seja, é uma pesquisa indutiva, onde o pesquisador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados. Pode-se

colocar ainda que pesquisas quantitativas e qualitativas não são polos opostos, e sim complementares, oferecendo diferentes perceptivas (PEREIRA et al., 2016).

Os procedimentos metodológicos que concerne o desenvolvimento do trabalho foram divididos em três etapas: 1) levantamento bibliográfico; 2) aplicação dos questionários; e 3) tabulação dos dados.

A primeira etapa constituiu no levantamento bibliográfico sobre a temática estudada, trazendo para a discussão a pandemia do COVID-19, mostrando como a mesma evidenciou a segregação socioeconômica nas escolas, tendo como objeto de estudo duas escolas do município de Natal, uma da rede privada e uma da rede pública (estudo de caso).

A segunda etapa se deu a partir da aplicação de questionários, na qual pode-se observar a partir das respostas dos alunos as diferenças existentes entre as duas escolas. O questionário era composto por dez perguntas, algumas abertas e outras fechadas (com opção de “SIM e NÃO”). A aplicação do questionário se deu a partir da plataforma “Google Forms”, sendo repassado para os alunos do fundamental II das duas escolas.

Por último, foi realizada a tabulação dos dados, na qual pode-se utilizar o Microsoft Excel como suporte para organizar as informações e posteriormente construir os gráficos de amostragem. Como a pesquisa é qualitativa e quantitativa foi possível correlacionar os dados expostos no gráfico com as informações predominantes nos questionários.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O modo de ensinar nas instituições de educação do Brasil vem perpassando por mudanças significativas nos últimos anos. Pode-se ainda frisar que 2020 foi um ano conturbado para todo o mundo, visto que foi necessário se adaptar as novas formas de estudar, trabalhar e conviver com o outro diante da pandemia do Covid-19.

No âmbito escolar, foco dessa pesquisa, muitas mudanças foram essenciais nesse período. Os professores precisaram se adaptar as novas metodologias de ensino e se “familiarizar” ainda mais com as tecnologias e o meio virtual, visto que tudo teria que ser realizado de maneira remota devido ao distanciamento social.

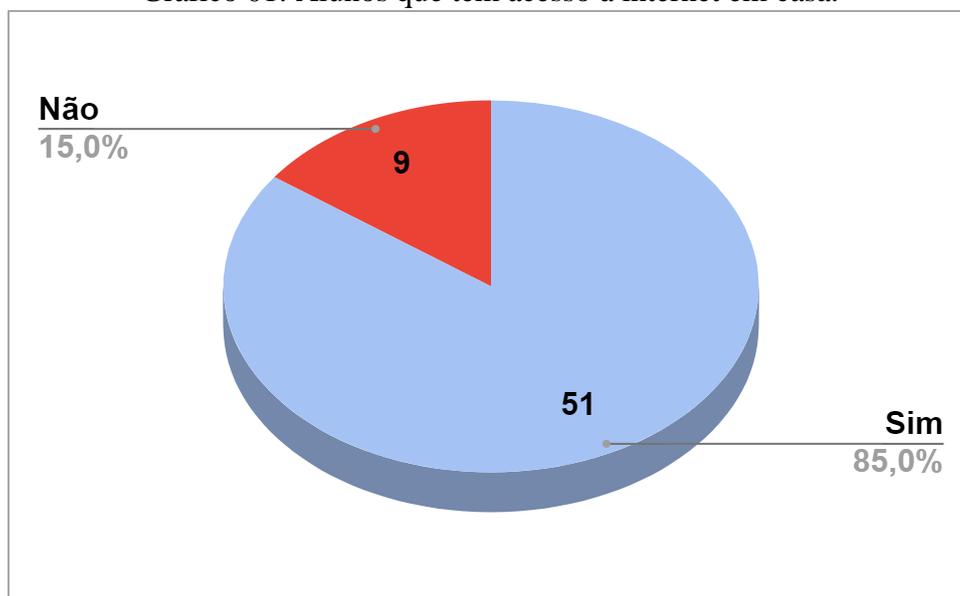
Diante disso, foi realizado um levantamento socioeconômico em duas escolas no município de Natal/RN, sendo uma do ensino público e uma do ensino privado. A partir das respostas dos alunos pode-se fazer uma análise quantitativa e qualitativa das duas

escolas, tendo como base os 60 questionários que foram aplicados (30 na escola pública e 30 na escola privada).

O questionário apresentava as seguintes perguntas: 1. Sua escola é pública ou privada?; 2. Você mora com quantas pessoas?; 3. Quantas pessoas contribuem na renda da sua casa? Quem são?; 4. Você tem acesso à internet em casa?; 5. Você tem celular, computador ou tablet?; 6. Na sua escola tem computadores disponíveis para os alunos?; 7. Na sua escola tem projetor?; 8. A sua escola apresenta uma infraestrutura adequada para as voltas as aulas nesse período pandêmico? Justifique; 9. Você conseguiu acompanhar as aulas remotas? Se não, explique os motivos; 10. Qual foi sua maior dificuldade nesse período de aulas remotas?; e 11. Você já voltou para o ensino presencial?.

Perante ao exposto, foi realizado o levantamento e tabulação dos dados. O gráfico 01 mostra em % os alunos que tinham acesso a internet durante o período de aulas remotas.

Gráfico 01: Alunos que tem acesso à internet em casa.



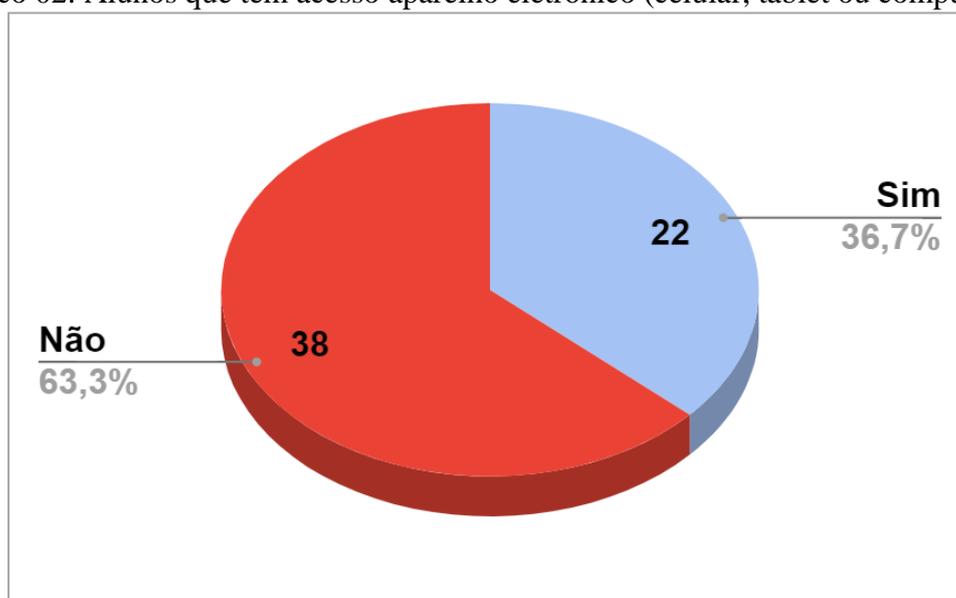
Fonte: acervo da pesquisa (2021).

Pode-se perceber que a maioria dos alunos tem acesso à internet em casa, sendo que os 15% que responderam “não” estudam na escola pública. Vale ressaltar ainda que apesar dos alunos terem acesso à internet muitos dependem diretamente do aparelho dos pais para conseguir acompanhar as aulas online. Visto que, de acordo com as respostas

do questionário, pode-se perceber que os pais saem para trabalhar e precisam levar o aparelho eletrônico, impossibilitando, muitas vezes, aquele aluno a assistir a aula.

De acordo com o gráfico 02 é possível analisar a % dos alunos que tem aparelhos eletrônicos (celular, tablet e computador) em casa.

Gráfico 02: Alunos que tem acesso aparelho eletrônico (celular, tablet ou computador).



Fonte: acervo da pesquisa (2021).

Diante do resultado do gráfico, é importante frisar que dos 22 alunos (36,7%) que tem aparelho eletrônico (celular, tablet ou computador), 15 são da escola privada e 7 são da escola pública. Partindo dessa premissa, é notório como a pandemia do covid-19 evidenciou os problemas de desigualdade social das escolas no Brasil, visto que muitos estudantes da rede pública relataram que não conseguiram acompanhar as aulas devido à falta de acessibilidade em casa.

Relatos como: “Não, eu passei quase o ano inteiro sem celular, aí só consegui agora”; “Mais o menos, porque a internet é da minha vizinha, e tem dias que ela desliga a internet”; “Não, porque há poucos dias meu pai comprou um celular pra mim”; “Mais ou menos, porque eu passei semanas sem assistir as aulas devido ao problema que deu no meu computador e no celular da minha mãe”.

Então, diante dessas questões foi possível entender o porque muitos alunos da rede pública não participavam das aulas. Segundo o relato da professora de geografia, o sistema adotado pelo governo do estado para as escolas públicas (SIGEDUC) dificulta muitas vezes o envio das atividades, tendo que recebê-las pelo Whatsapp para que assim fosse possível contabilizar as notas dos alunos. No questionário teve-se alguns relatos

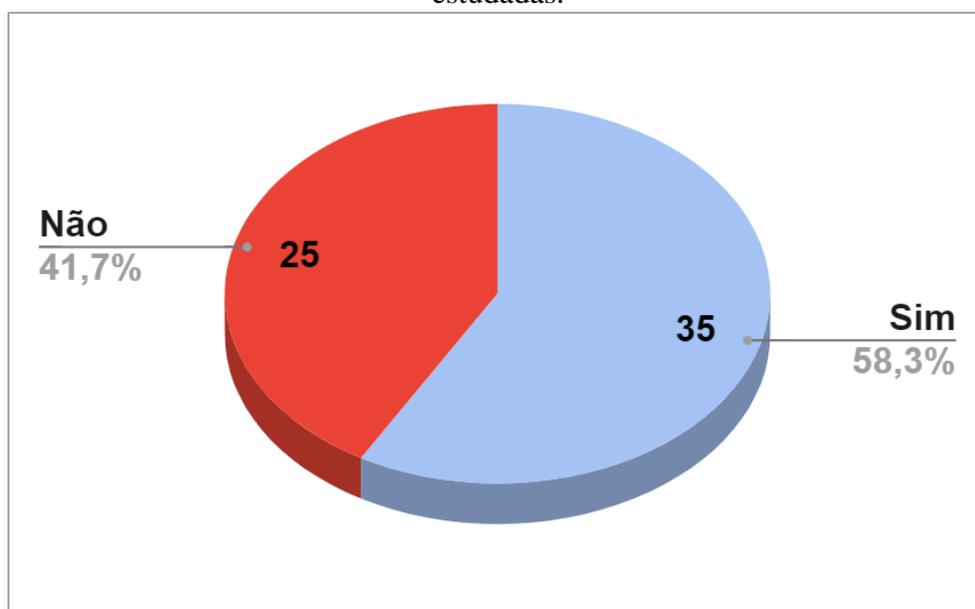
relacionados a esse ponto, como: “O aplicativo que eles usam é um lixo”; “Não consigo acessar a plataforma utilizada pela escola”; “Não consigo postar no SIGEDUC”.

É importante ressaltar que as escolas apresentam diferenças significativas relacionadas a infraestrutura. Em 2021 após alguns decretos foi liberado o retorno das aulas presenciais para aqueles alunos que tivessem interesse em voltar para escola, no entanto, a instituição da rede pública (a escola apresentada nessa pesquisa) não retornou com as aulas, pois não apresentava condições mínimas para o retorno.

Salienta-se que a escola se localiza em um bairro periférico e não passava por manutenção interna há algum tempo, com isso esses problemas estruturais se agravaram durante o período que ela esteve fechada, na qual identifica-se: vazamento nos banheiros, inacessibilidade para pessoas com deficiência, telhado de duas salas de aula cederam, corrimão enferrujado, entre outros.

A partir dessas problemáticas existente, foi feito um gráfico (gráfico 03) apresentando a % dos equipamentos eletrônicos (computador e projetor) disponíveis nas escolas para auxiliar nas aulas.

Gráfico 03: Equipamentos eletrônicos (computador e projetor) disponíveis nas escolas estudadas.



Fonte: acervo da pesquisa (2021).

Analisando o gráfico, pode-se perceber que dos 35 alunos (58,3%) que responderam “sim”, 30 são da escola privada e 5 são da escola pública, sendo os 25 (41,7) que responderam “não” da rede pública. Isso se deu ao fato de que a instituição pública estudada só tem dois projetores disponíveis para os professores, sendo

impossível o mesmo professor utilizar esse equipamento dois dias seguidos. É necessário marcar com pelo menos 15 dias de antecedência para conseguir utilizar os equipamentos e assim fazer uma aula diferenciada. Enfatizando mais um ponto que impossibilita o ensino híbrido.

Já na instituição privada pode-se perceber que em todas as salas tem computador e projetor disponíveis para os professores, facilitando essa volta as aulas e possibilitando que aqueles alunos que optaram por ficar em casa (durante a pandemia do Covid-19) consigam acompanhar de maneira concomitante as aulas.

Perante a exposição de todos esses dados, pode-se trazer a definição de Conceição e Zamora (2015, p. 712) sobre a temática abordada, na qual diz que “A desigualdade social é um dos aspectos perversos de uma política neoliberal e tem seus efeitos no direito à educação pública”, ou seja, essa política cada vez mais aumenta uma desigualdade entre o que se oferece no setor público e o que é oferecido no setor privado, sendo perpassado por muitos anos.

A partir da citação anterior, pode-se dizer que é extremamente importante reforçar a necessidade de políticas públicas que venham a intervir diretamente no desenvolvimento da instituição pública, para que assim os problemas sejam diminuídos ou até mesmo cessados. É direito do cidadão ter acesso a educação de qualidade no país, com isso, é preciso que as haja intervenções diretas para atingir esse objetivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tudo que foi exposto ao longo do trabalho, pode-se identificar, baseado nos impactos causados pela Covid-19, que os alunos da instituição escolar da rede privada possuem melhor estrutura econômica, facilitando assim uma maior aquisição de materiais e serviços necessários ao seu desenvolvimento e seguimento das aulas.

Destaca-se ainda que a escola privada adotou de forma mais eficiente o ensino remoto, enquanto a escola pública não conseguiu adotar de maneira tão significativa, pois os problemas relacionados a pobreza se tornaram mais evidentes, sendo um fator limitante para o desenvolvimento das aulas online.

A realização deste trabalho se justifica por ser uma temática extremamente necessária nesse período pandêmico em que o mundo tá vivendo, enfatizando que o meio técnico-científico-informacional foi essencial nesse período, contudo, constatou ainda mais os problemas socioeconômicos que as escolas do Brasil vêm passando,

deixando mais explícito as desigualdades sociais e como são necessárias políticas públicas voltadas para as escolas da rede pública.

Com isso, pode-se concluir que é preciso ensinar para desenvolver a criticidade e, principalmente, para estudar e discutir os problemas e os processos de transformação do mundo, que ocorrem tão rapidamente, a exemplo da Covid-19 que assolou ainda mais os problemas relacionados a educação pública no Brasil.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, A.C.F.; ROCHA, D.S. Covid-19 e Educação: Resistências, desafios e impossibilidades. **Revista Encantar**, v. 2, p. 01-11, Bom Jesus da Lapa, 2020.

BOTO, C. **A educação e a escola em tempos de coronavírus**. Jornal da USP, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-educacao-e-a-escola-em-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em: 21 set. 2020.

CARDOSO, C.A.; FERREIRA, V.A.; BARBOSA, F.C.G. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020.

CONCEIÇÃO, V.L.; ZAMORA, M.H.R.N. Desigualdade social na escola TT- Social inequality in school. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 4, p. 705–714, Campinas, 2015.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?** In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, Jul/Set 1993. P.239-262.

PEREIRA, G.; ORTIGÃO, M.I.R. Pesquisa Quantitativa em Educação: algumas considerações. **Revista Periferia**, v. 8, n. 1, 2016, p. 66-79, Rio de Janeiro, 2016.